



FILOSOFIAS AFRICANAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Jussara Alves da Silva¹

Escola Estadual Padre Frederico Vienken, Juiz de Fora, Minas Gerais, BR

Resumo: Este artigo aborda as contribuições das filosofias africanas em um curso de formação docente sobre educação para as relações étnico-raciais no município de Juiz de Fora, Minas Gerais. O objetivo é destacar possibilidades de abordagem por meio de exemplos de práticas pedagógicas formativas alicerçadas na afrocentricidade, ubuntu e filosofia da sagacidade. Ao discutir os desafios e a viabilidade dessa abordagem, buscamos a reconexão com formas de aprender e ensinar ancestrais. Esperamos que nossas reflexões possam fornecer subsídios para demais pesquisas e metodologias que explorem o papel das filosofias africanas na formação docente.

Palavras-Chave: Filosofias Africanas; Formação docente; Afrocentricidade; Ubuntu; Filosofia da Sagacidade.

AFRICAN PHILOSOPHIES IN TEACHER TRAINING

Abstract: This article addresses the contributions of African philosophies in a teacher training course on education for ethnic-racial relations in the city of Juiz de Fora, Minas Gerais. The objective is to highlight possibilities of approach through examples of formative pedagogical practices based on Afrocentricity, ubuntu and philosophy of sagacity. By discussing the challenges and viability of this approach, we seek to reconnect with ancestral ways of learning and teaching. We hope that our strengths can provide subsidies for further research and methodologies that explore the role of African philosophies in teacher education.

Keywords: African Philosophies; Teacher training; Afrocentricity; Ubuntu; Philosophy of Sagacity.

FILOSOFÍAS AFRICANAS EN LA FORMACIÓN DE PROFESORES

Resumen: Este artículo aborda las contribuciones de las filosofías africanas en un curso de formación de profesores sobre educación para las relaciones étnico-raciales en la ciudad de Juiz de Fora, Minas Gerais. El objetivo es resaltar posibilidades de abordaje a través de ejemplos de prácticas pedagógicas formativas basadas en Afrocentrismo,

¹ Escola Estadual Padre Frederico Vienken SVD: Juiz de Fora, Minas Gerais, BR <https://orcid.org/0000-0001-5728-2051>



ubuntu y filosofía de la sagacidad. Al discutir los desafíos y la viabilidad de este enfoque, buscamos reconectarnos con formas ancestrales de aprender y enseñar. Esperamos que nuestras fortalezas puedan proporcionar subsidios para futuras investigaciones y metodologías que exploren el papel de las filosofías africanas en la formación docente.

Palabras-clave: Filosofías africanas; Formación de profesores; afrocentrismo; Ubuntu; Filosofía de la sagacidad.

PHILOSOPHIES AFRICAINES DANS LA FORMATION DES ENSEIGNANTS

Résumé: Cet article traite des apports des philosophies africaines dans un cours de formation d'enseignants sur l'éducation aux relations ethno-raciales dans la ville de Juiz de Fora, Minas Gerais. L'objectif est de mettre en évidence les possibilités d'approche à travers des exemples de pratiques pédagogiques formatrices basées sur l'Afrocentrisme, l'ubuntu et la philosophie de la sagacité. En discutant des enjeux et de la viabilité de cette approche, nous cherchons à renouer avec des modes d'apprentissage et d'enseignement ancestraux. Nous espérons que nos forces pourront fournir des subventions pour d'autres recherches et méthodologies qui explorent le rôle des philosophies africaines dans la formation des enseignants.

Mots-clés: Philosophies africaines; Formation des enseignants; Afrocentricité; Ubuntu; Philosophie de la Sagacité.

INTRODUÇÃO

Aquele que aprende, ensina. Provérbio Etíope

O ensino das filosofias africanas tem sido amplamente negligenciado nos sistemas educacionais, principalmente nos países ocidentais. Currículos eurocêntricos e com fortes resquícios coloniais ainda permanecem latentes em nosso sistema, tanto formativo quanto educacional. No entanto, reconhecer e defender essas filosofias é essencial para uma formação docente intercultural e “práxis afrocêntricas” (Modupe, 2003, citado em Asante, 2009, p. 96).

As filosofias africanas são diversas e oferecem perspectivas pluriversais sobre o mundo. O reconhecimento da existência e legitimidade dos conhecimentos ancestrais, enriquece o repertório de saberes docentes e promove a educação intercultural. Seu ensino contribui para a superação de estereótipos negativos acerca do conhecimento oriundo do continente africano, além de fornecer uma compreensão histórica mais respeitosa da contribuição africana para a humanidade em busca de uma sociedade mais justa e equitativa.



Diferentes abordagens epistemológicas, cosmopercepções de mundo e de conhecimento distintas são possibilitadas pelo ensino das filosofias africanas na formação docente. São aprendidas e ensinadas metodologias ancestrais que foram e continuam sendo marginalizadas em nosso currículo formativo, que ainda excluem as epistemologias não hegemônicas. Ao incluir essas perspectivas na formação docente, torna-se mais concreta e viável a utopia de uma educação que horizontalize saberes e valorize o conhecimento daqueles que vieram antes de nós, ou, como reflete Ivenicki (2020, p.37), suscita uma ecologia de saberes em visões pós-coloniais e decoloniais.

Por desempenhar um papel fundamental na formação das perspectivas e valores dos indivíduos, a educação se torna essencial veículo de sensibilização em relação a necessidade de descolonização das relações e conteúdos. A formação docente em afroperspectiva possibilita que as escolas adotem um currículo mais abrangente e que reflète a diversidade intercultural e filosófica do mundo em que vivemos. A partir desta formação pluriversal, será possível que a sociedade passe a reconhecer a importância de aprender e ensinar não somente as filosofias consideradas clássicas, mas também filosofias africanas, originárias, e das diversas nações e povos que fazem parte da nossa humanidade.

Nascimento e Oliveira (2016) discutem a importância da (re)construção da identidade negro-africana como uma ruptura com o etnocentrismo e sua ligação com a independência do domínio colonial. Eles ressaltam que analisar a filosofia africana implica em desvendar o processo de colonização da África. Também destacam a necessidade de considerar perspectivas pós-coloniais que valorizem as culturas africanas e as identidades da diáspora. Além disso, os autores enfatizam a importância de identificar os conhecimentos tradicionais ou endógenos, integrando-os em diversos programas educacionais, seja em escolas ou universidades.

A ênfase predominante na filosofia ocidental nos currículos escolares reforça uma visão eurocêntrica do conhecimento, marginalizando outras tradições filosóficas, como a africana. Aprender e ensinar filosofia africana, a partir de referenciais africanos, desafia a hegemonia do pensamento ocidental e questiona as narrativas que perpetuam o colonialismo intelectual, promovendo uma educação mais inclusiva e equitativa. Portanto, é essencial a perspectiva decolonial nas formações docentes, com objetivo de subverter esse sistema de dominação já estabelecido, construindo pontes entre diferentes culturas.



O provérbio etíope que dá início a este artigo nos lembra que “quem aprende, ensina”. Diante disso, ressaltamos a importância de incorporar as filosofias africanas nas formações docentes. No entanto, ao trazer esses referenciais africanos, devemos evitar a "armadilha da etnofilosofia", conforme apontado por Oruka (2002). Cabe refletir sobre a seleção das fontes a serem incluídas, visto que muitos dos estudos sobre o continente africano que temos acesso não foram escritos por africanos, mas sim por antropólogos e teólogos, frequentemente europeus, que abordam a filosofia africana de maneira acrítica.

Oferecendo aos docentes a chance de mergulhar nas filosofias africanas, não apenas os capacita a transmiti-las, mas também a vivenciá-las em conjunto com seus estudantes. É essencial, nesse processo, reconhecer e destacar a contribuição inestimável dos povos africanos para a humanidade, bem como a sua pluriversalidade.

METODOLOGIA

Analisamos algumas práticas formativas docente afroperspectivadas que vem sendo realizadas em um curso de formação continuada em educação para as relações étnico-raciais na cidade de Juiz de Fora no estado de Minas Gerais, que em seu escopo contempla o ensino de filosofias africanas como afrocentricidade, ubuntu e filosofia da sagacidade, além de outras epistemologias contra-hegemônicas tendo como ferramentas metodológicas a pesquisa crítica de colaboração (SCHAPER e SANTOS 2013, p.86), as escrituras (EVARISTO, 2007) e a pedagogia das encruzilhadas (RUFINO, 2019).

Uma formação docente decolonial nos conduz ao profundo questionamento do colonialismo que ainda persiste no âmbito educacional. É imperativo realizar uma análise constante das estruturas de dominação, exploração e opressão presentes nas práticas pedagógicas produzidas e reproduzidas em nossas escolas, pois elas tendem a perpetuar as desigualdades e estruturas de poder colonial em nossa sociedade. Portanto, é essencial combater esses resquícios coloniais no sistema educacional, buscando promover uma educação mais justa, inclusiva e consciente da diversidade cultural e histórica do nosso povo.

A pesquisa crítica de colaboração nos auxilia na medida em que, segundo Magalhães (2009, p.55 apud SCHAPPER; SANTOS, 2013, p.86), propicia aprendizado participativo coletivo na condução da pesquisa, nos questionamentos acerca dos sentidos-



significados e na produção conjunta de novos significados, considerando que, em nossas formações docentes, epistemologias não ocidentais ainda são pouco visibilizadas. Alguns princípios dessa metodologia são muito importantes para nossas observações como a colaboração e não apenas o questionamento, a promoção de mudanças sociais e a reflexão dialógica contínua.

O termo "escrevivência" foi cunhado pela escritora brasileira Conceição Evaristo numa combinação de "escrita" e "vivência", sugerindo uma forma de escrever que é profundamente enraizada na experiência pessoal e coletiva de quem escreve, baseando em suas experiências de vida e da comunidade. Uma forma de resistência e afirmação cultural, que desafia as narrativas dominantes e apresenta uma perspectiva que ouve as diferentes vozes silenciadas e reivindica um lugar de legitimidade para elas.

Enriquecendo ainda mais a nossa composição metodológica, a pedagogia das encruzilhadas aborda a educação que honra a pluralidade de saberes ancestrais, culturas e tradições presentes na sociedade enquanto um lugar de encontro, diálogo, de convergência e divergência, de diferentes caminhos e possibilidades que se cruzam. É um espaço de intersecção que permite a coexistência de múltiplas vozes e perspectivas criando espaços educacionais mais inclusivos e democráticos, onde todos e todas se sentem valorizados e respeitados, e onde o aprendizado é visto como um processo coletivo e colaborativo.

O reconhecimento dos saberes tradicionais é crucial para a descolonização do currículo formativo. Conforme aponta Rufino (2019), isso nos permite visualizar a prática educacional não apenas sob uma perspectiva racional e instrumental, mas também como um rito - um processo espiritual que transforma tanto o corpo quanto a alma. Além disso, restabelecer uma relação profunda com a terra e com a natureza é essencial, percebendo-as não meramente como recursos, mas como entidades vivas com as quais estabelecemos uma interação recíproca.

REFERENCIAL TEÓRICO

Baseamos nossas reflexões no conceito de afrocentricidade (Asante, 2009), defendendo que práticas formativas docentes afrocêntricas têm o potencial de contrapor o eurocentrismo, ao situar a experiência e a perspectiva africanas como eixo central do



discurso acadêmico, social e cultural. Tais práticas procuram reinterpretar a história, a cultura e o conhecimento por meio de uma cosmo percepção africana, valorizando e realçando as contribuições significativas e a humanidade intrínseca dos povos africanos e de suas respectivas diásporas.

A afrocentricidade emergiu como uma contra-narrativa necessária face à marginalização persistente e sub-representação da história e cultura africanas nos currículos acadêmicos. Esta perspectiva desafia a dominância da visão eurocêntrica que, frequentemente, situa a Europa e suas tradições como o epicentro da narrativa histórica e cultural global. Infelizmente, inúmeras práticas pedagógicas continuam a perpetuar esse paradigma hegemônico. Diante disso, nossa pesquisa se empenha em identificar e elucidar estratégias para uma necessária ressignificação.

Segundo Asante (2009, p.97), "uma pessoa oprimida encontra-se deslocada quando atua a partir de um ponto de vista centrado nas experiências do opressor". Assim, para contrapor tal deslocamento, a filosofia da afrocentricidade aponta para a imperativa necessidade de reconstrução das narrativas históricas e culturais africanas. Esta reconstrução não apenas valoriza as inegáveis contribuições da África para o progresso humano, mas também é uma ferramenta crucial para combater estereótipos negativos e preconceitos arraigados.

O continente africano, ao longo de sua história, foi palco de importantes contribuições à filosofia. Como destacam Nascimento e Oliveira (2016, p. 179): "especialmente à grega, enriquecida pela antiga filosofia egípcia, até os pensadores atuais do pensamento pós-colonial." Reflexões dessa natureza devem ser incorporadas nas formações docentes, evidenciando a necessidade de uma educação que vá além dos padrões e referenciais tradicionalmente aceitos.

Práticas formativas pautadas na afrocentricidade buscam promover o empoderamento e a autoestima dos povos afrodiaspóricos, encorajando a preservação de suas próprias tradições e identidades culturais. Elas visam desconstruir a narrativa de inferioridade e subalternidade associada aos africanos e diaspóricos, oferecendo uma visão mais positiva e afirmativa. Para tal, desafiam as estruturas dominantes de poder e conhecimento, visando abordagens mais inclusivas que dão visibilidade e legitimidade às epistemologias afrocentradas.

Segundo Freire Machado (2020),



Pensar desde as filosofias africanas em terras brasileiras é dialogar / aprender / ensinar / construir / sentir / ser desde valores culturais africanos que nos constituíram, numa perspectiva interdisciplinar e transversal, ou seja, diálogo com a própria filosofia, a literatura, a sociologia, a política, a história, a geografia, a religião, a espiritualidade, as artes, os estudos sobre as mulheres, sobre raça e classe, etc., no intuito de descolonização dos saberes, desde um corpo inteiro e de maneira plural (FREIRE MACHADO, 2020, p.30).

Ao incorporar essas filosofias nos cursos de formação docente, seja nas formações iniciais ou continuadas, favorecemos a preparação de educadores comprometidos em escutar e integrar as diversas vozes que constituem nossa sociedade.

Nessa mesma linha de pensamento, trazemos à reflexão a filosofia ubuntu, que nos auxilia a compreendermos a complexidade da nossa existência que é relacional às demais existências. Conforme Ramose (1999), tal como o solo, as raízes, os ramos e as folhas formam uma unidade que nos permite compreender a essência de uma árvore, assim também nos definimos em relação uns aos outros. Ubuntu, sendo a "raiz das filosofias africanas" (Ramose, 1999), se manifesta em práticas formativas docentes que cultivam a interação, a coletividade e a interdependência.

Para Castiano (2010),

Enquanto o afrocentrismo que discutimos anteriormente, parece ser baseado numa negação-desconstrutiva (subjectivação-desconstrutiva) do outro ocidental (ou mesmo até estar obcecado com esta negação), parece-nos que o ubuntuísmo ou a filosofia ubuntu, que vamos expor, aparece como uma afirmação-constructiva do eu (subjectivação-constructiva). Pensamos que a filosofia ubuntu-africana aparece com um horizonte teórico que dá uma certa consistência na justificação ontológica, epistemológica e ética para a subjectivação, ou melhor, para o movimento da subjectivação (CASTIANO, 2010, p.147).

Ubuntu nos leva à existência relacional, onde ontologicamente o prefixo ubu é a materialidade do ser, e a raiz ntu é a existência em “seu processo contínuo” (Ramose, 1999). Também é importante dizer que “a palavra ubuntu é compartilhada com a mesma grafia e transcrição fonológica para os grupos étnicos ndebele, swati, xhosa e zulu” (Nogueira, p.147, 2012).

Somente existimos a partir das relações que estabelecemos com as outras existências, ou ainda, nossa existência se relaciona com as demais existências. Esta é uma perspectiva ética e filosófica que se originou nas tradições africanas, especialmente nas culturas dos povos bantu. A palavra ubuntu não possui uma tradução direta para o português, mas geralmente é interpretada como a humanidade para com os outros. Ela enfatiza a importância dos relacionamentos interpessoais, da solidariedade, da empatia e da harmonia social.



No cerne da filosofia Ubuntu está a ideia de que a identidade e o bem-estar de um indivíduo estão intrinsecamente ligados à comunidade a que pertencem. Isso significa que uma pessoa só pode ser verdadeiramente humana por meio de sua interação e relacionamento com os outros. O princípio fundamental é expresso na máxima dos povos xhosa e zulu que diz Umuntu Ngumuntu Ngabantu, que conforme Noguera (2012, p.147), traduz-se como "uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas", sublinhando uma interconexão e interdependência essencial entre todos os seres humanos.

A filosofia Ubuntu preza pela valorização da dignidade humana, o respeito pelos outros, a partilha, a colaboração e a preocupação com o bem-estar coletivo. Ela enfatiza a importância de se viver de maneira ética, agindo com compaixão, justiça e generosidade em relação aos outros. É uma filosofia que incentiva a resolução de conflitos e a construção de comunidades harmoniosas onde práticas formativas docentes baseadas na filosofia Ubuntu são as que enfatizam a importância dos relacionamentos humanos, da solidariedade e da interdependência para a construção de uma sociedade mais ética e harmoniosa.

Sob o mesmo ponto de vista, outra filosofia africana que contribuiu significativamente nas práticas formativas afroperspectivadas observadas, é a filosofia da sagacidade (Oruka, 1990) que nos traz reflexões sobre a sabedoria ancestral utilizada para o aperfeiçoamento ético da comunidade elucidando caminhos na formação docente através da valorização dos saberes daqueles que vieram antes de nós, ou conforme Oruka (1990), dos sábios da nossa comunidade. A Sagacidade Africana é uma abordagem baseada na tradição oral e nas formas diversificadas de conhecimento como nos provérbios, narrativas e mitos.

A Sagacidade Africana enfatiza a importância da sabedoria prática, do discernimento e da experiência acumulada ao longo do tempo. Ela reconhece que o conhecimento não é apenas adquirido através de estudos formais ou teorias abstratas, mas também por meio das experiências vividas, da observação atenta da natureza e dos ensinamentos ancestrais. Os provérbios são bons exemplos que, inseridos nas formações docentes, desempenham um papel central como na sagacidade africana. São frases curtas, concisas e carregadas de significado que revestem princípios éticos, morais e práticos da nossa ancestralidade. Os provérbios são frequentemente usados para transmitir lições, encorajar a reflexão e oferecer orientação sobre diversos aspectos da nossa existência.



Além dos provérbios, a sagacidade africana também valoriza narrativas e mitos como formas de conhecimento e ensinamento. Essas narrativas são usadas para refletir valores pluriversais e conhecimento ancestral. Práticas formativas docentes baseadas na sagacidade africana são as que destacam a importância da comunidade e da interconexão entre os indivíduos, além de valorizar a sabedoria coletiva e a tomada de decisões em grupo, ouvindo as diversas vozes de todos os membros da comunidade.

Uma característica da sagacidade africana é a valorização da paciência e da contemplação. Incorporar práticas formativas que promovem a interiorização e a meditação na formação docente reforçam a necessidade de tempo para reflexão, observação e consideração de múltiplas perspectivas antes de qualquer ação ou decisão. Em "O perigo de uma história única", Adichie (2019) destaca o risco dos pensamentos unilaterais que perpetuam estereótipos e preconceitos. Assim, a sagacidade africana encoraja a adoção da paciência, reflexão e abertura a diversas cosmopercepções, fortalecendo a compreensão intercultural e promovendo uma atuação docente mais ética e consciente.

PRÁTICAS AFROPERSPECTIVADAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Sawabona shikoba: acolhimento ancestral

O acolhimento nos cursos de formação docente desempenha um papel fundamental na criação de vínculos, no diálogo e na colaboração. Nas formações afroperspectivadas, as experiências e vivências coletivas são tão cruciais quanto o conteúdo teórico a ser estudado. Ao proporcionar um ambiente acolhedor numa perspectiva afrocêntrica, desde o início, cria-se uma atmosfera frutífera na qual os futuros docentes sentem-se à vontade para expressar suas percepções, compartilhar sensações e sentimentos suscitados e aprender junto aos demais participantes do momento. Esse sentimento de pertencimento, originado no acolhimento, serve como alicerce para a formação de professores e professoras mais empáticos, reflexivos e comprometidos com a prática decolonial, inclusiva e transformadora. Agora, para ilustrar a importância do



acolhimento, vamos descrever uma dinâmica de acolhida que tem demonstrado resultados notáveis nesse contexto.

"Sawabona Shikoba" é uma saudação tradicional do povo Zulu, que carrega em si uma profunda mensagem de reconhecimento, valorização e conexão humana. Ao dizer "Sawabona", expressa-se o sentimento de "Eu te vejo, eu te respeito, você tem valor", enquanto a resposta "Shikoba" afirma "Então, eu existo para você". Esta troca, mais do que meras palavras, reflete a essência da comunhão e do reconhecimento mútuo, elementos centrais na cultura Zulu. Em um mundo em que a individualidade muitas vezes ofusca o sentido de comunidade, essa saudação nos lembra da importância de ver e ser visto, de respeitar e ser valorizado, e de reconhecer a interdependência intrínseca entre todos os seres humanos.

Conforme Timóteo (2016, p.1566), "ver alguém é mais que olhar, é reconhecer uma presença. Ver um outro diante de mim e, ao mesmo tempo em que reconheço a singularidade de sua presença, só o faço pelo reconhecimento do semelhante em mim." Partindo dessa premissa, inicia-se todo encontro formativo com a saudação sawabona, onde os participantes são provocados a responder shikoba e refletirem acerca da profundidade dessa expressão.

Ao dar início aos encontros formativos, recorrendo-se à saudação "Sawabona" Shikoba", se estabelece e fortalece os laços entre os participantes. É essencial relembrar constantemente o profundo significado dessa expressão, apreendendo seu sentido na preparação de docentes aptos a construir relações positivas com seus estudantes. Essas relações devem sempre ser pautadas no respeito e na valorização das especificidades de cada indivíduo, afirmando a essência da formação afrocêntrica e da práxis docente afroperspectivada enquanto espaços de reconhecimento e (re)conexão humana.

Corredor da energia vital: eu sou nós

A energia vital, conforme Trindade (2010) é um dos valores civilizatórios afro-brasileiros e o princípio fundamental que permeia a existência humana e a natureza. É uma força vitalizadora presente em todas as coisas e seres, uma energia que conecta os indivíduos com o universo e com o divino. Dentro do contexto das filosofias e tradições



africanas e afro-brasileiras, essa energia é vista como um elo entre o mundo físico e espiritual, influenciando a forma como os indivíduos se relacionam consigo mesmos, com os outros e com o cosmos.

A concepção de energia vital, de acordo com Trindade (2010), destaca a importância de reconhecer e confrontar a conexão entre as dimensões espirituais e materiais da existência, enfatizando a necessidade de equilíbrio e respeito mútuo para promover o bem-estar individual e coletivo. A compreensão dessa energia é relevante para a compreensão das diversas práticas culturais, religiosas e filosóficas presentes nas culturas afro-brasileiras e africanas.

Segundo Freire Machado (2020, p.32), "em nossos corpos encontramos memórias de nossos ancestrais". Nessa prática de sensibilização com perspectiva afrocentrada, todos os participantes são convidados a refletir sobre sua existência em relação às demais existências. Dispostos em um corredor, uma fileira de frente para a outra, são incentivados a fechar os olhos e sintonizar-se com o presente: ouvir a cadência da própria respiração, o canto dos pássaros e demais sons do ambiente. Convidam-se a sentir o calor do sol e a luminosidade que entra pelas pálpebras fechadas. Esse momento é uma oportunidade para se (re)conectar, não apenas uns com os outros, mas também com a essência da natureza que os circunda.

Em seguida, uma pessoa de cada vez, faz a passagem dentro do corredor, lentamente, de olhos fechados, enquanto simultaneamente as pessoas ao seu redor tocam-na levemente com as mãos, sussurrando palavras positivas ou desejos direcionados especificamente à pessoa que passa. Quando essa pessoa chega no final do corredor, ela passa a integrá-lo, e faz exatamente o mesmo ritual com as pessoas que passarem em sua frente.

Ao final da prática, após todas as pessoas passarem pelo corredor, sentamos em roda para conversar e trocar impressões e sensações suscitadas pela vivência. É entregue uma tarjeta para cada pessoa com o provérbio zulu: "umuntu ngumuntu ngabantu." que pode ser compreendido como "uma pessoa é uma pessoa por causa de outras pessoas" sendo também refletido junto ao grupo que, conforme a filosofia ubuntu, a nossa humanidade, ou nossa existência, é definida por nossa interação e relação com as outras pessoas. Cada participante neste momento expressa suas reflexões sobre a vivência e o que a mesma lhe despertou.



Essa prática promove a conexão entre as pessoas, cria vínculos, estimula a empatia e fortalece laços de harmonia. É uma oportunidade valiosa para cultivar a solidariedade e a compreensão mútua, ao mesmo tempo em que incentiva o autoconhecimento e a valorização das experiências individuais e coletivas.

Roda dos provérbios: para se educar uma criança é preciso uma aldeia inteira

Òwe lẹ̀sin oro, bí oro-bá sọ̀nù, òwe la fí ñwá a

O provérbio é o cavalo da fala

Provérbio iorubá

Quando não encontramos palavras que alcancem a profundidade do que queremos externar, os provérbios se mostram como refúgios expressivos. A sagacidade africana nos ensina que aprendemos muito através dessas máximas ancestrais que são o cavalo do discurso. Os provérbios são verdadeiras ferramentas repletas de conhecimento para uma comunicação subsidiada em saberes ancestrais.

Segundo Braga Junior (2020, p.113), os provérbios desempenham um papel crucial ao esclarecer aspectos complicados nos diálogos, se apresentando como alternativas a respostas diretas e incentivando assim um profundo exercício de compreensão.

A dinâmica da "roda dos provérbios" proporciona aos docentes a oportunidade de se conectarem com ensinamentos ancestrais de diferentes etnias. De forma coletiva, os participantes podem mergulhar nos significados destas máximas, explorando suas nuances e refletindo sobre como integrá-las em seu cotidiano pedagógico.

Nesta prática, é disposto no chão, em forma de círculo, diversas mudas de plantas com cartões contendo provérbios de etnias africanas, e cada participante poderá ler e escolher aqueles que mais tenham lhe tocado intimamente para comentar com o grupo. Enquanto leem os provérbios, é tocada uma música suave de fundo, de musicistas afrodiaspóricos cuja biografia será apresentada aos participantes durante a prática com o



intuito de imergirem na vivência e compartilharem suas reflexões e sentimentos em relação aos provérbios escolhidos.

Um exemplo de melodia a ambientar a roda dos provérbios é a canção chamada Gâmbia de Sona Jobarteh, da multi-instrumentista afroamericana Sona Jobarteh que segue abaixo com tradução de Viviane Nascimento (2016).

Quadro 01: Música Gâmbia de Sona Jobarteh e tradução

Gambia (língua mandinga)	Gâmbia - Tradução
<i>Kairaya loo</i>	Construído em paz e estabilidade,
<i>Tengkungoyabeng</i>	hospedado pelo desenvolvimento e
<i>yiriwaningnyatotaa le yajiyaa</i>	progresso, Humanidade
<i>Hadamaya</i>	e a felicidade está em todos os rostos
<i>Sewo ye nyaadaalubeng</i>	nosso país excepcional Gâmbia.
<i>n'nabankukendemaalem Gambia</i>	
<i>Ibedawoda</i>	Onde quer que você esteja
<i>Ikana song mummey</i>	, nunca se esqueça
<i>kanyineyfaasuwo la Gambia</i>	sua terra natal Gâmbia
<i>Tonya</i>	Pois se você esquecer suas raízes,
<i>I'nyinatai'bonsungwo la</i>	você vira as costas para quem você é.
<i>I'nyinatai'fangwo le la</i>	
<i>Nsinganyaa</i>	(Refrão):
<i>N'tenganyaata N'nabanko le la</i>	Estamos orgulhosos...
<i>N'singanyaa, N'singanyaa</i>	Estamos orgulhosos do nosso país
<i>N'singanyaa</i>	(Refrão):
<i>Al nganaakafunyooma Nganyomuta</i>	Estamos orgulhosos...
<i>N'singanyaa</i>	Vamos nos unir e unir
<i>Wolemuniyatotaa Ningnafasoto</i>	(Refrão):
 	Estamos orgulhosos...
<i>Gambiankolu le</i>	Isto é o que resultará em progresso
<i>Nyinembankunyimati</i>	
<i>Gambiankolu le</i>	Povo da Gâmbia; esta é a linda terra
<i>Nyingbankukaira ma</i>	Povo da Gâmbia; esta é a terra
	pacífica
	Povo da Gâmbia; esta é a terra do



<i>Gambiankolu le</i>	nosso povo
<i>Nyinemoolabankooti</i>	Povo da Gâmbia; não há nada que se
<i>Gambiankolu le</i>	compare a esta terra
<i>Nyinenyongomangsiyaa</i>	As pessoas honram este país porque é
	abençoado
<i>A nemata</i>	Nós não devemos abandonar nosso
<i>Woleysaabu</i>	belo país
<i>Mooluyabunyaa</i>	Filhos / filhas desta terra, vamos
<i>Abarakata</i>	juntos
<i>Woleyatinna</i>	Eu sempre estarei verdadeiramente
<i>Moolumangnyangna,</i>	orgulhoso de ser um gambiano
<i>Nyingbankunyimaafaylaa</i>	Onde quer que eu vá, contarei as
	maravilhas deste país
<i>Aaaaaaaaaaaaaa</i>	Não há nenhum lugar que se compare
<i>Bankodingolu</i>	a Gâmbia
<i>Ali ngana Kafunyooma</i>	
	Outro
<i>Tonyaa</i>	A casa da paz ... todos dizem
<i>N'mangnimisa</i>	"Gâmbia"
<i>Nyingbankudingyaala mummey</i>	A casa das bênçãos ... todos dizem
<i>Ningtata</i>	"Gâmbia"
<i>Duniyaakono</i>	A casa da humildade ... todos dizem
<i>Nyingbankoo la diya mbafola</i>	"Gâmbia"
<i>Gambia nyongte</i>	A casa da família ... todos dizem
	"Gâmbia"
<i>Gambiankolu le</i>	
<i>Nyinembankunyimati</i>	
<i>Gambiankolu le</i>	
<i>Nyingbankukaira ma</i>	
<i>Gambiankolu le</i>	
<i>Nyinemoolabankooti</i>	
<i>Gambiankolu le</i>	
<i>Nyinenyongomangsiyaa</i>	
<i>Gambia le ma</i>	



<p><i>Gambia le ma</i> <i>M'bekuuma la</i></p> <p><i>Gambia le ma</i> <i>Gambia le ma</i> <i>M'bekuuma la</i></p> <p><i>Gambia le ma...</i></p> <p><i>Kairasuu,</i> <i>Alafo Gambia</i> <i>Nemasuu,</i> <i>Oohhhoo Gambia</i> <i>Hadamayaasuu,</i> <i>Alafo Gambia</i> <i>Baadingyaasuu,</i> <i>Oohhhoo Gambia</i></p>	
--	--

Fonte: Lyrics Translate, 2018.

A canção "Gâmbia", interpretada pela musicista Sona Jobarteh, carrega uma mensagem profunda: se nos desligarmos de nossas raízes, esquecemos quem somos. Em sintonia com essa ideia, cada participante recebe junto ao cartão com um provérbio africano, uma muda de planta, simbolizando as raízes ancestrais que cada um tem a responsabilidade de nutrir e cultivar. A trajetória de Sona Jobarteh merece destaque. Ela, uma multi instrumentista, vem de uma família tradicional de griots da Gâmbia. Desafiando uma tradição que durou sete séculos, tornou-se a primeira mulher a obter permissão dos anciãos de seu país para tocar o kora, um instrumento musical originário da África Ocidental, carregado de simbolismo e lições da sagacidade africana.

A kora possui 21 cordas, e a tradição descreve sua simbologia da seguinte forma: sete cordas remetem à cura do passado, sete cordas à harmonia do presente e sete cordas à proteção do futuro. O instrumento é composto por uma cabaça que simboliza a terra; pele que evoca os animais; cordas que representam as plantas e árvores; e um aro de metal que alude à magia.



Alguns dos provérbios africanos utilizados na roda dos provérbios são:

Kiunuhu gitruagwo (a avareza não alimenta) - Provérbio Gikuyu (Noguera, 2012).

Eni bá  e oun t   nikan    e r    r  ohun t   nikan   r  r  (quem faz o que ninguém fez, vai experimentar aquilo que ninguém experimentou) - Provérbio Iorub  (Adioko, 2011).

Umuntu Ngumuntu Ngabantu (uma pessoa   uma pessoa através de outras pessoas) - Provérbio Xhosa/Zulu (Noguera, 2012).

Não se pode construir uma casa a partir do telhado. (Santos, 2019).

Huma dia mwata, dia tola mvula mu chota a mwangamo meya, hi manhinga ko (na presença do rei não pode haver derramamento de sangue) Provérbio do Rei *Mwene Muachissengue* - Provérbio Chokwe (Coppe; Mucuta, 2020).

Onihaniwa wo, khonim liwa (na oficina do ferreiro não falta o barulho) - Provérbio Macua (Thomaz, 2022).

Se quiser chegar rápido, v  sozinho. Mas, se quiser ir longe, v  com muitos. (Oliveira; Costa, 2019).

Algumas(uns) musicistas africanas(os) sugeridos para a ambientação da prática são: Alpha Blondy, Amadou e Mariam, Bilan, Brenda Fassie, Ces ria Évora, Cheb Khaled, Dobet Gnahor , Fatoumata Diawara, Fela Kuti, Jean Bosco Mwenda, Koffi Olomide, Lokua Kanza, Lura, Manu Dibango, Miriam Makeba, Oumou Sangar , Papa Wemba, Richard Bona, Rokia Traore, Salif Keita, Sara Tavares, Seun Kuti, Shatta Wale, Sona Jobarteh, Youssou N'dour.

Ao final desta prática, todos e todas são convidados a compartilharem percepções e principalmente a refletirem modos de incorporá-las ao seu fazer pedagógico.

Abiyoyo: narrativa sul africana para refletirmos sobre a filosofia ubuntu

As narrativas e mitos são formas de transmissão de conhecimento ancestral. Através delas e de forma lúdica, a formação docente adentra a seara da interculturalidade de forma natural, uma vez que a contação de histórias faz parte de muitas práticas



pedagógicas. Apresentando narrativas e mitos afrocêntricos, ampliamos o repertório docente, conferindo-lhe profundidade e diversidade, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos.

A narrativa sul-africana "Abiyoyo" é um exemplo dessa riqueza. Pete Seeger, um ativista social americano, deu nova vida a essa história ao transformá-la em uma canção infantil. Posteriormente, a narrativa foi adaptada em um livro ilustrado por Michael Hays, ampliando ainda mais seu alcance.

A narrativa conta a história de um menino que tocava ukulele incessantemente numa aldeia, e de seu pai, um mágico que fazia objetos das pessoas desaparecerem por diversão. Essas inconveniências faziam com que eles fossem evitados por seus vizinhos. Certa vez, quando o gigante destruidor Abiyoyo ameaçou a aldeia, o menino usou sua música para fazê-lo dançar até o esgotamento. Com o gigante indefeso, o pai o fez desaparecer com sua varinha. Após o fato, ambos que eram marginalizados, se tornaram verdadeiros heróis, justamente pelas características que todos repudiavam.

Após a contação da narrativa, convidamos o grupo a confeccionar um Abiyoyo usando um pompom de lã, ao qual são anexados olhos, nariz e boca feitos com papéis coloridos. Durante essa atividade, refletimos sobre como a narrativa nos ajuda a compreender a relação entre nossa existência e as demais existências. Discutimos nossa interdependência e, mais importante, a valorização e o reconhecimento das características e especificidades individuais de cada um, as quais, em conjunto, potencializam o bem-estar coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo destacou a importância da presença das filosofias africanas na formação docente. A inclusão dessas perspectivas não somente favorece uma educação mais inclusiva e intercultural, mas também enriquece o processo de ensino-aprendizagem ao trazer valores e ensinamentos ancestrais da ancestralidade afrodiáspórica.

Ao longo da discussão, apresentamos algumas das contribuições, reflexões e ensinamentos de filosofias como a afrocentricidade, ubuntu e a filosofia da sagacidade a

partir de um olhar metodológico da pesquisa crítica de colaboração, das escrevivências e da pedagogia das encruzilhadas. Esses conceitos, quando incorporados à formação docente, ampliam a visão de mundo dos educadores, permitindo que reconheçam e integrem o legado histórico e cultural da África nos currículos escolares.

Em seguida, apresentamos práticas formativas afroperspectivadas observadas em um curso de formação docente sobre relações étnico-raciais realizado no município de Juiz de Fora, Minas Gerais. Estas práticas estão fundamentadas não apenas nas filosofias africanas, mas também em outras epistemologias contra hegemônicas. Com o objetivo de promover uma formação decolonial, elas se manifestam através de diversas linguagens, tais como narrativas, canções, vivências e escrevivências.

Entretanto, é inegável a existência de desafios. Ainda enfrentamos resquícios coloniais arraigados nos currículos educacionais. Contudo, a inclusão progressiva das filosofias africanas no ambiente formativo tem demonstrado êxito na desconstrução de estereótipos e preconceitos. Mais que isso, essa inclusão é peça-chave na construção de uma sociedade mais justa, diversa e pluriversal.

Assim, concluímos enfatizando a necessidade urgente dos processos formativos docentes em reconhecer e defender as filosofias africanas. Elas, juntamente com outras epistemologias contra hegemônicas, são essenciais para alcançarmos uma educação inclusiva e intercultural.

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA DE ABIYOYO. A música africana entra na escola. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vC1Chz557ic>. Acesso em: 27 jul. 2023

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade. In: NASCIMENTO, E. L. (org.). Afrocentricidade. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BRAGA JÚNIOR, Geraldo. Educação Tradicional Africana e Lei 10.639/03: Em busca de diálogos entre Benin E Brasil: Black Geographies podem colaborar nesse processo?. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 12, n. Ed. Especi, p. 109–125, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/856>. Acesso em: 13 ago. 2023.



CASTIANO, José Paulino. Referenciais da Filosofia Africana: em busca da intersubjectivação. Maputo: Ndjira, 2010.

COPPE, Cristiane; MUCUTA SANTOS, Carlos. A cultura Chokwe da Lunda Norte (Angola) e o Programa Etnomatemática: diálogos para repensar a educação em tempos de pandemia. Revista Latinoamericana de Etnomatemática, p. 276- 292, 2020. DOI: 10.22267/relatem.20131.49.

DIOP, Cheikh Anta. Origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, Gamal (Org.). História Geral da África: a África Antiga. São Paulo: Ática; Unesco, 1974, p. 39-70. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000110340.locale=en>>. Acesso em 25 jul. 2023.

EVARISTO, Conceição. Escrivivência. 2023. Vídeo. (23min17s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

FREIRE MACHADO, Adilbênia. Filosofia Africana desde saberes ancestrais femininos: Bordando Perspectivas de descolonização do Ser-Tão que há em nós. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 12, n. 31, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/835>. Acesso em: 13 ago. 2023.

IVENICKI, Ana. Perspectivas Multiculturais para o currículo de formação docente antirracista. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 12, n. 32, p. 30–45, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/890>. Acesso em: 24 jul. 2023.

KORA - Guiné Bissau. Fotografia. Disponível em: <http://www.mafro.ceao.ufba.br/pt-br/colecao-africana/colecao-instrumentos-musicais>>. Acesso em 13 ago. 2023.

KORA BRASIL. Disponível em: <<https://terreirodegrios.wordpress.com/tag/kora/>>. Acesso em: 27 jul. 2023.

LYRICS TRANSLATE. Sona Jobarteh. Gambia. Tradução por Viviane Nascimento, 2018. Disponível em: <<https://lyricstranslate.com/pt-br/gambia-g%C3%A2mbia.html-3>>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

MOTA, Dalmo. Vídeo. Abiyoyo - Acalanto e histórias. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QYKi4OizaJk>>. Acesso em: 27 jul. 2023.

NASCIMENTO, Ailton Mario, 1966. A música africana entra na escola : uma proposta pedagógica para a educação musical / Ailton Mario Nascimento. – Itabuna : UFSB, 2019.

NASCIMENTO, Sergio Luis do; OLIVEIRA, Julvan Moreira de. A construção do legado: a negação de uma epistemologia filosófica africana. In Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 8, n. 19, p. 177–194, 2016. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/31>>. Acesso em: 6 ago. 2023.

NASCIMENTO, Viviane. Gambia. Lyrics Translate. Tradução. Disponível em: <https://lyricstranslate.com/pt-br/gambia-g%C3%A2mbia.html-3>. Acesso em 13 ago. 2023.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectiva. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 3, n. 6, p. 147–150, 2012. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/358>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

OBENGA, Théophile. Egypt: Ancient History of African Philosophy. In: KWASI, Wiredu (ed.). A Companion to African Philosophy. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2004.

OLIVEIRA, Otair Fernandes de; COSTA, Ricardo Dias da. Produção de conhecimentos, formação política e enfrentamento ao racismo na educação brasileira (Dossiê LEAFRO 10 Anos –Volume II). Revista Ensaios e pesquisa em educação e cultura –2019.1 / Vol. 06. 14p.

ORUKA, Henry Odera. Sage philosophy: Indigenous thinkers and modern debate on African philosophy. Brill, 1990.

PROVÉRBIOS DA CULTURA YORUBÁ. Por Pai Ronie de Ogum Adioko. 13 de Novembro, 2011. Disponível em: <<https://ileorixa.com.br/wp/proverbios-da-cultura-yoruba/>>. Acesso em 13 ago. 2023.

RAMOSE, Mogobe. African Philosophy through Ubuntu. Harare: Mond Books, 1999.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas # 1 • Luiz Rufino. 2023. Vídeo. (4min10s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gatikyv_2mI>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SONA JOBARTEH. "Sinto que carrego uma grande responsabilidade". Disponível em: <<https://atarde.com.br/cultura/culturamusica/sona-jobarteh-sinto-que-carrego-uma-grande-responsabilidade-837570>>. Acesso em: 27 jul. 2023.

TIMÓTEO, Sebastião Manuel. Swabona shikoba – “eu sou bom”. Revista Jurídica Luso-Brasileira, n°1, 2016. Disponível em: <https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2016_01_1563_1592.pdf>. Acesso em 10 ago. 2023.

THOMAZ, Fernanda. Casaco que se despe pelas costas: história do colonialismo, justiça e agências africanas em Moçambique. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2022. Livro digital: il. color.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros e educação infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: Modos de brincar: caderno de saberes, fazeres e atividades / [organização Ana Paula Brandão]. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. (A cor da cultura; v.4).

Recebido em: 20.10.2023

Aprovado em: 20.11.2023